



HEATHER FAWCETT

ENCICLOPÉDIA
DAS

FADAS



DE

EMILY WILDE



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

HEATHER FAWCETT

ENCICLOPÉDIA
DAS

FADAS

DE

EMILY WILDE

Tradução
Petê Rissatti

 Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Heather Fawcett, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Copyright da tradução © Petê Rissatti
Todos os direitos reservados.
Título original: *Emily Wilde's Encyclopaedia of Faeries*

Preparação: Ligia Alves
Revisão: Andréa Bruno e Bonie Santos
Diagramação e projeto gráfico: Matheus Nagao
Capa: Vera Drmanovski
Adaptação de capa: Renata Spolidoro

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Heather, Fawcett
Enciclopédia das fadas de Emily Wilde / Heather Fawcett; tradução de
Petê Rissatti. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
304 p.

ISBN 978-85-422-2336-1

Título original: *Emily Wilde's Encyclopaedia of Faeries*

1. Ficção canadense I. Título II. Rissatti, Petê

23-4345

CDD 810

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção canadense



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



20 de outubro de 1909

Hrafnsvik, Ljosland

Sombra não está muito feliz comigo. Está deitado perto da lareira enquanto o vento frio balança a porta, com a cauda inerte, olhando por baixo de seu topete desgrenhado com uma espécie de resignação acusatória peculiar aos cães, como se dissesse: *De todas as aventuras estúpidas para as quais você me arrastou, esta certamente significará a nossa morte.* Receio ter de concordar com ele, embora esse fato não me deixe menos ansiosa para iniciar minha pesquisa.

Pretendo oferecer um relato honesto de minhas atividades diárias em campo enquanto documento uma espécie enigmática de seres feéricos chamados “Ocultos”. Este diário servirá a dois propósitos: ajudar minha memória quando chegar a hora de compilar formalmente minhas notas de campo e oferecer um registro para estudiosos que vierem depois de mim, caso eu seja capturada pelo Povo. *Verba volant, scripta manent.** Assim como nos diários anteriores, vou presumir que o leitor tenha um entendimento básico de driadologia, embora eu aborde algumas referências que podem não ser familiares àqueles que são novos nessa área.

Não tive motivos para visitar Ljosland antes e mentiria se dissesse que meu primeiro vislumbre nesta manhã não diminuiu meu entusiasmo. Saindo de Londres, a viagem tem a duração de cinco dias, e o único navio que chega até lá é um cargueiro semanal que transporta uma grande variedade de mercadorias e uma diversidade muito menor de passageiros. Avançamos sem parar

* Do latim: “As palavras voam, os escritos permanecem”. (N. T.)



na direção norte, desviando de icebergs, enquanto eu caminhava de um lado para o outro no convés para controlar meus enjoos. Fui uma das primeiras a avistar os picos cobertos de neve que se erguiam do mar, a pequena vila de telhados vermelhos de Hrafnsvik encolhida embaixo deles como Chapeuzinho Vermelho enquanto o Lobo assomava atrás dela.

Avançamos com cuidado até o cais, batendo nele com força de uma vez, pois as ondas cinza eram ferozes. O passadiço foi abaixado por um guincho operado por um velho com um cigarro preso de forma despreocupada entre os dentes – como ele o mantinha aceso naquele vento era uma façanha tão impressionante que horas depois me vi pensando na brasa incandescente que atravessava os borrifos vindos do mar.

Percebi que fui a única a desembarcar. Com um baque, o capitão deixou meu baú no cais gelado, abrindo seu sorriso divertido de sempre, como se eu fosse uma piada que ele custava a entender. Ao que parecia, poucos eram meus companheiros de viagem, e estavam indo para a única cidade em Ljosland: Loabær, na parada seguinte do navio. Eu não tinha a intenção de visitar Loabær, pois não é possível encontrar o Povo nas cidades, mas apenas nos recônditos remotos e esquecidos do mundo.

Do porto consegui ver o chalé que havia alugado, o que me surpreendeu. O fazendeiro que era o dono da terra, um certo Krystjan Egilson, o descrevera para mim em nossa correspondência – uma coisinha de pedra com um telhado de turfa verde vívida nos arredores da aldeia, empoleirada na encosta da montanha perto da borda da floresta de Karrðarskogur. Era uma região tão extrema – cada detalhe, desde a confusão de chalés pintados de cores vivas até a vegetação intensa da costa e as geleiras à espreita nos picos, era tão nítido e solitário, parecido com fios bordados, que suspeito que eu poderia ter contado os corvos em suas tocas nas montanhas.

Os marinheiros mantiveram uma boa distância de Sombra quando seguimos para o cais. O velho dogue alemão é cego de um olho e não tem energia para nenhum exercício físico além de uma lenta caminhada, muito menos para rasgar a garganta de marinheiros mal-educados, mas sua aparência diz o contrário; é uma criatura enorme, preta como piche, com patas de urso e dentes muito brancos. Talvez eu devesse tê-lo deixado aos cuidados de meu



irmão em Londres, mas eu não aguentaria, principalmente porque ele tem acessos de melancolia quando estou fora.

Consegui arrastar meu baú do cais e atravessar a aldeia com ele – poucos estavam por perto, provavelmente em suas terras ou barcos de pesca, mas esses poucos me encararam como apenas os aldeões no fim do mundo conhecido conseguem encarar um estranho. Nenhum daqueles que me admiravam ofereceu ajuda. Sombra, caminhando ao meu lado, olhou para eles com leve interesse, e apenas nesse momento eles se viraram, disfarçando.

Já estive em comunidades muito mais rústicas que Hrafnsvik, pois minha carreira me levou por toda a Europa e à Rússia, para aldeias grandes e pequenas e lugares inóspitos, ora belos, ora repugnantes. Estou acostumada a acomodações e pessoas humildes – certa vez, dormi no galpão de queijos de um fazendeiro na Andaluzia –, mas nunca havia chegado tão ao norte. O vento tinha sabor de neve recém-caída e puxava meu cachecol e minha capa para trás. Levei algum tempo para carregar meu baú pela estrada, mas sou perseverante ao extremo.

A paisagem que circundava a aldeia era cheia de planícies. Não eram as encostas limpas com as quais eu estava acostumada, mas crivadas de protuberâncias, rocha vulcânica em mantos cobertos de musgo. Como se isso não bastasse para desorientar o olhar, o mar continuava arremessando ondas de névoa sobre o litoral.

Cheguei ao limite do vilarejo e encontrei a pequena trilha que levava ao chalé – o terreno era tão íngreme que o caminho era uma série de zigue-zagues. A casa em si ficava precariamente em um pequeno recesso na encosta da montanha. Estava a apenas dez minutos da aldeia, mas eram dez minutos de considerável aclave, e eu estava ofegante quando cheguei à porta. Não só estava destrancada como não tinha nenhuma fechadura, e, quando a abri, encontrei uma ovelha.

Ela me encarou por um momento, mastigando alguma coisa, até que se afastou para se unir a suas companheiras enquanto eu educadamente segurava a porta. Sombra bufou, mas, tirando isso, não se mexeu – ele viu muitas ovelhas em nossos passeios no interior ao redor de Cambridge e olha para elas com o desinteresse cavalheiresco de um cachorro idoso.



Não sei como, mas dentro do chalé parecia ainda mais frio que ao ar livre. Era tão simples quanto eu o havia imaginado, com paredes de pedra sólida e reconfortantes e o cheiro de algo que imaginei ser esterco de papagaio-do-mar, embora também pudesse ser o cheiro da ovelha. Uma mesa e cadeiras empoeiradas, uma pequena cozinha nos fundos com várias panelas penduradas na parede, muito empoeiradas. Junto à lareira, com seu fogão a lenha, havia uma poltrona antiga que cheirava a mofo.

Eu tremia, apesar de ter arrastado o baú morro acima, e percebi que não tinha lenha nem fósforos para aquecer aquele lugar sombrio. O mais alarmante era o fato de que talvez eu nem sequer soubesse acender uma lareira se quisesse – nunca tinha feito isso antes. Infelizmente, por acaso, olhei pela janela naquele momento e vi que havia começado a nevar.

Foi então que, enquanto olhava para a lareira vazia, com fome e frio, comecei a imaginar que morreria ali.

Para que não pensem que sou uma novata no trabalho de campo no estrangeiro, deixem-me dizer que não é o caso. Passei meses estudando uma espécie ribeirinha do Povo, *les lutins des rivières*, em uma parte tão rural da Provença que os aldeões nunca tinham visto sequer uma câmara. E antes disso houve uma longa estada nas florestas dos Apeninos com algumas *fate* com cara de cervo e seis meses em uma região deserta da Croácia como assistente de um professor que passou toda a sua carreira analisando a música do Povo da montanha. No entanto, em cada um desses casos eu sabia no que estava me metendo e tinha um ou dois alunos para cuidar da logística.

E não havia neve.

Ljosland é o mais isolado dos territórios escandinavos, uma ilha situada nos mares selvagens do continente norueguês cujo litoral norte resvala o Círculo Polar Ártico. Eu havia contado com as dificuldades para chegar a tal lugar – a longa e desconfortável viagem até o norte –, mas estava percebendo que dera pouca atenção às dificuldades que poderia enfrentar para sair dele se algo desse errado, especialmente assim que a barreira de gelo se fechasse.

Uma batida na porta provocou em mim tamanho sobressalto que me levantei. Mas o visitante já estava entrando sem se importar com minha permissão, batendo as botas com ar de quem entra na própria casa depois de um longo dia.



— Professora Wilde — disse ele, estendendo a mão. Era grande, pois ele era um homem avantajado, tanto em altura quanto em volta dos ombros e no ventre. Seu cabelo era preto e desgrenhado, o rosto quadrado com um nariz quebrado que se encaixava ali de um jeito bastante adequado, embora totalmente desagradável. — Trouxe seu cachorro, pelo que vejo. Belo cão.

— Senhor Egilson? — perguntei educadamente, apertando sua mão.

— Ora, quem mais seria? — respondeu meu anfitrião. Não soube ao certo se aquela era uma resposta rude ou se o padrão de seu comportamento carregava uma leve hostilidade. Devo mencionar aqui que sou péssima em ler as pessoas, uma falha que já me trouxe muitos inconvenientes. Bambleby saberia exatamente o que fazer com aquele grandalhão, provavelmente já arrancaria risadas dele com alguma piada de charme discreto.

Maldito Bambleby, pensei. Eu mesma não tenho muito senso de humor, algo que gostaria bastante de poder usar nessas situações.

— A senhora enfrentou uma jornada e tanto — comentou Egilson, encarando-me de um jeito desconcertante. — De Londres até aqui. Ficou mareada?

— De Cambridge, na verdade. O navio estava bastante...

— Aposto que os aldeões ficaram encarando enquanto a senhora subia a estrada, certo? Eles pensaram: *Quem é aquela ratinha subindo a estrada? Não pode ser aquela estudiosa chique de Londres de quem ouvimos falar. Até parece que ela sobreviveria à viagem.*

— Não saberia dizer o que pensaram sobre mim — respondi, buscando uma forma de mudar a conversa para assuntos mais urgentes.

— Bem, foram eles que me contaram — disse ele.

— Entendi.

— Encontrei o velho Sam e sua esposa, Hilde, no caminho até aqui. Estamos todos muito curiosos com sua pesquisa. Me conte, como está planejando pegar o Povo? Com uma rede de caçar borboletas?

Até eu consegui perceber que era uma zombaria, por isso respondi com frieza:

— Fique tranquilo. Minha intenção não é *pegar* um exemplar de seu povo feérico. Meu objetivo é simplesmente estudá-los. É a primeira investigação desse tipo em Ljosland. Receio que até pouco tempo atrás o restante do mundo



via seus Ocultos como mais do que um mito, ao contrário das várias espécies de Povo que habitam as Ilhas Britânicas e o continente, noventa por cento das quais foram substancialmente documentadas.

— Provavelmente é melhor que, para todos os envolvidos, continue assim.

Não foi uma declaração encorajadora.

— Entendo que vocês têm várias espécies de fadas em Ljosland, muitas das quais podem ser encontradas nesta parte das Montanhas Suðerfjoll. Tenho histórias de Povos que vão desde o tipo de duende doméstico até feéricas nobres para investigar.

— Não sei o que nada disso significa — disse ele, com voz monótona. — Mas seria melhor a senhora limitar suas investigações aos pequeninos. Se a senhora provocar os outros, o resultado não será bom, nem para a senhora nem para nós.

Fiquei imediatamente intrigada com aquilo, embora, é claro, tivesse ouvido indícios da natureza temível das fadas nobres de Ljosland – ou seja, aquelas fadas que assumem uma forma quase humana. Entretanto, minhas perguntas foram cortadas pelo vento, que abriu a porta e cuspiu um grande jorro de flocos de neve para dentro do chalé. Egilson empurrou-a com o ombro para voltar a fechá-la.

— Está nevando — disse eu, com uma imbecilidade atípica. Lamento dizer que a visão da neve caindo dentro da lareira me levou mais uma vez a um desespero mórbido.

— Acontece de vez em quando — respondeu Egilson, com um toque de humor sombrio que achei preferível à falsa simpatia, o que não é o mesmo que dizer que me agradou. — Mas não se preocupe. O inverno ainda não chegou, é apenas uma amostra dele. Em algum momento essas nuvens vão se abrir.

— E quando chegará o inverno? — perguntei, fechando a cara.

— Vai saber quando chegar — respondeu ele, uma espécie de esquiva com a qual logo eu me acostumaria, pois Krystjan é o tipo de homem esquivo. — A senhora é jovem para ser professora.

— Em certo sentido — comentei, esperando dissuadi-lo dessa linha de questionamento com a imprecisão. Aos trinta anos, não sou realmente jovem para ser professora, ou pelo menos não sou jovem o suficiente para



surpreender ninguém; embora oito anos atrás eu fosse de fato a professora mais jovem que Cambridge já havia contratado.

Ele soltou um grunhido satisfeito.

— Preciso ir cuidar da fazenda. Posso ajudar a senhora com alguma coisa?

Ele falou com indiferença e parecia prestes a escapar pela porta, mesmo quando respondi rapidamente:

— Um chá seria ótimo. E a lenha... onde fica guardada?

— Na caixa de madeira — respondeu ele, intrigado. — Ao lado da lareira.

Eu me virei e imediatamente vi a caixa mencionada – havia pensado que fosse algum tipo de armário rudimentar.

— Tem mais no barracão de lenha lá atrás — continuou ele.

— Barracão de madeira — respirei com alívio. Minhas fantasias de congelar até a morte haviam sido precipitadas.

Ele deve ter notado a maneira como falei aquilo, que infelizmente teve a cadência distinta de uma palavra que nunca havia sido dita antes, pois comentou:

— A senhora é do tipo que não sai muito de casa, não é? Receio que pessoas assim sejam bem raras por aqui. Vou pedir ao Finn para trazer o chá. É meu filho. E, antes que pergunte, os fósforos estão na caixa de fósforos.

— Claro — retruquei, como se já tivesse notado a caixa de fósforos. Graças a meu maldito orgulho, não consegui perguntar sobre o paradeiro da caixa de fósforos depois da humilhação da caixa de madeira. — Obrigada, senhor Egilson.

Ele me lançou um olhar e piscou devagar, em seguida tirou uma caixinha do bolso e a deixou sobre a mesa. Em seguida, foi embora em um redemoinho de ar gelado.